

ETNOLOGIA INDÍGENA: DIÁLOGOS E INTERFACES DO CONHECIMENTO

EVALDO MENDES DA SILVA¹
GUILLERMO WILDE²

O campo classicamente delimitado como “etnologia indígena” tem experimentado nos últimos anos uma renovação surpreendente. Atualmente, a multiplicação de temas e enfoques que atravessam os estudos dos povos indígenas no mundo contemporâneo desafia qualquer classificação rígida disciplinar, exigindo aproximações que vão muito além dos métodos usuais da etnologia indígena. Soma-se a isto, a emergência de uma agenda indígena no debate político-ideológico regional e global. As implicações destes novos cenários sociais podem ser percebidas na lenta, sinuosa e desigual conquista de direitos (sendo a Bolívia, talvez, o caso mais emblemático) até mesmo em nível intelectual: os povos indígenas estão movendo e ampliando, na prática, as noções mesmas de cidadania e modernidade num contexto global de regressão dos direitos do cidadão. Nesse sentido, é imperioso olharmos os povos indígenas no presente e no passado, tentando compreender as complexidades do modo como concebem e põem em prática noções como as de territorialidade, comunidade, visão de mundo.

Este dossiê é uma contribuição nesse sentido. Os trabalhos apresentados aqui constituem aportes para pensarmos ao menos cinco campos de desenvolvimento teórico e empírico determinantes da realidade dos povos indígenas: território, religiosidade, parentesco, política e cultura material. Cada um destes campos tem recebido um tratamento específico da antropologia e aqui são chamados ao diálogo.

1. Os Guarani Mbya são frequentemente considerados no tratamento do primeiro campo conceitual: o território. Seja pelo retorno constante da problemática da mobilidade numa quantidade considerável de teses e livros (CICCARONE, 2004; PISSOLATO, 2007; SILVA, 2010), seja pelos limites e limitações da noção guarani de *tekohá* (*teko'á*), a questão do “território” é central, não só para entendermos a dinâmica concreta dos grupos, mas, também para desconstruirmos o modo como os antropólogos têm tratado o tema: de Curt Unkel Nimuendajú à Bartolomeu Melià, passando por expoentes como Pierre Clastres, León Cadogan, Egon Schaden, e trabalhos recentes como os de Mura & Almeida (2004); Antunha Barbosa & Mura (2011). A dinâmica territorial dos Mbya do Paraguai atual, como mostra Carolina Rodriguez, no artigo: “Concepciones sociales y políticas de los territorios Mbyá

¹ Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

² Universidad Nacional de San Martín Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET).

Guarani”, é altamente dinâmica, responde a definições complexas que articulam múltiplos níveis, internos e externos, nos quais se negociam os limites do espaço e a reprodução de conhecimentos tradicionais frente ao devastador avanço da agroindústria.

2. Especialmente nos últimos vinte anos, a religião, ou mais especificamente o fenômeno da conversão ao cristianismo dos povos indígenas, tem se transformado em um campo de discussão relevante. As explicações do fenômeno tendem a confrontar uma visão segundo a qual as populações incorporam os valores cristãos em seus próprios termos, indianizando-os. E, uma visão segundo a qual o cristianismo introduz reformas radicais (externas) que a médio ou longo prazo reconfiguram a cosmovisão indígena, esvaziando as práticas tradicionais de significado (SAITO, 2006; VILAÇA; WRIGHT, 2013; WILDE, 2016). Uma versão intermediária consiste em pensar o processo de conversão como a paciente configuração de jogos de linguagem compartilhados em situações específicas (MONTERO, 2006; POMPA, 2003), como a gestão de um duplo registro estratégico entre o interior e o exterior, que delimitaria o exposto e o secreto, e a mais ampla reconfiguração de formas rituais como o Toré dos índios do nordeste brasileiro. Em todo caso, a religião indígena não existe (se acaso alguma vez existiu) em estado puro, como afirmaram alguns notáveis representantes da etnologia da primeira metade do século XX. Por isso, a dimensão política se insere, necessariamente, à reflexão sobre a religião, como sugere Heiberle Hirsberg Horácio no artigo: “A religiosidade do povo indígena Xakriabá”.

3. Ainda que os densos capítulos e obras sobre o parentesco têm presença assegurada nos estudos etnográficos sobre populações indígenas, rara vez encontramos aproximações comparativas ao tema. A apropriação lingüística que Leonardo Cerno faz do tema, no artigo: “Parientes próximos, parientes lejanos”, parece, assim, justificada. Cerno propõe uma aproximação comparativa do sistema de parentesco Guarani a partir de fontes antigas e modernas apresentando um quadro detalhado de toda a variedade de termos utilizados, brindando-nos com um panorama de sua coerência estrutural e semântica. A obra fundamental do jesuíta Antonio Ruiz de Montoya (1876) constitui um ponto de referência básico para qualquer tentativa de aproximação com a cultura Guarani. No entanto, poucas vezes se levantou a questão sobre o modo como Ruiz de Montoya construiu um saber sobre as populações Guarani com as quais se colocou em contato. As evidências e as análises comparativas de dados sobre o parentesco resultaram não só reveladoras do modo concreto como a organização social dos Guarani funcionou em toda sua complexidade, variantes e extensão, como também permite entender os mecanismos que o nada inocente fundador da lingüística guarani pôs em jogo na gestação do sistema social das missões jesuíticas. Esta análise nos alerta sobre os interesses de uma primeira “antropologia cristã” que muitas etnografias posteriores sacralizaram ou consideraram inquestionáveis (Wilde, 2018).

4. Um contraste que, frequentemente, é destacado na produção etnológica clássica marca a diferença quantitativa e qualitativa da produção material e figurativa dos diferentes povos indígenas das Terras Baixas. Enquanto que os grupos Tupi-Guarani são caracterizados por uma economia considerável de expressões figurativas, povos como os Arawak, entre outros, têm feito da abundância da produção figurativa e material e do expressionismo visual, uma marca identitária fundamental. O tema se configura como um campo de reflexão expressivo da antropologia recente: a produção material de objetos e expressões visuais. As perguntas de Ferreira & Bezerra, no artigo: “Vamos ver quem é que acaba o resto da empeleitada”, para o caso dos Potiguara do Rio Grande do Norte, são relevantes para uma reflexão mais geral: matérias primas utilizadas, processos de fabricação, tipologias estilísticas, espaços de distribuição, comercialização e consumo.

Ainda que a preocupação com objetos tenha sido tema de interesse da etnologia brasileira e francesa dos últimos vinte anos, este campo tem experimentado um verdadeiro *boom* nos últimos anos a partir da produção de etnografias e estudos comparativos (ALBERT; RAMOS, 2002; DESCOLA, 2012; ESCOBAR, 1993; LAGROU; PIMENTEL; QUINTAL, 2009; SANTOS-GRANERO, 2009; SEVERI, 2010). Um aspecto do debate tem girado em torno dos limites da noção de “estética” fora da tradição ocidental e da legitimidade do uso de termos como “arte étnica” o “artesanato”. O debate se insere no contexto em que a “tradição” se cruza com os circuitos do mercado global, entre a função ritual e a produção de valor para o mercado. Outra faceta do debate se inscreve na definição das formas figurativas, seja como expressões simbólicas, bem como expressões de uma “agência” ou tecnologia do encantamento (GELL, 2016; LAGROU, 2007).

5. Alinhado ao tema do protagonismo indígena no atual contexto social brasileiro, o artigo de Vicente Pereira, “Comissão Guarani Yvyrupa: mobilização (cosmo) política Mbya Guarani”, descreve a atuação política dos Mbya de São Paulo. O artigo analisa e propõe reflexões a partir de notas, cartas e manifestos produzidos pelos próprios Guarani e que têm como duplo destinatários o estado brasileiro, responsável pela demarcação de suas terras, e os grandes proprietários rurais que avançam sobre as poucas áreas que ainda lhes restam. Como destaca o autor, trata-se de um trabalho cujo foco são as relações dos Guarani como o mundo exterior, isto é, os brancos (*Juruá*), sendo a palavra escrita uma das formas de comunicação escolhida pelos Mbya para conectar estes dois mundos. Sabemos que a “palavra” (*ayvu*) é um tema central da etnografia clássica dos Guarani, sendo a obra de León Cadogan, “*Ayvu Rapita*” (1959) um marco referencial. Depois dele, estudiosos como Hélène Clastres (1978), Meliá (1990), Chamorro (1995; 2004), entre outros, expandiram o nosso conhecimento etnográfico sobre os Guarani. “*Ayvu*”, a “palavra Guarani”, tornou-se, então, uma chave de acesso à sócio-cosmologia e ampliou nosso conhecimento de temas como os deslocamentos espaciais, as transformações corporais (como *aguydje* e o seu oposto, o

jepotá), as curas xamânicas e o exercício do poder político dos caciques. Os Mbya da “Comissão Guarani Yvyrupa” atualizam a força da palavra, desta vez para desafiar os *juruá* invasores de suas terras e exigir do estado seus direitos e garantias fundamentais.

As análises empíricas que propõem os trabalhos deste dossiê refletem a potencialidade destes campos em crescimento, não só para questionar os limites da etnologia, mas, também, para introduzir nela uma variável política que questione as bases mesmas do saber etnológico, repensando diálogos e interfaces que permitam ressituar as obsoletas modernidades nacionais e suas políticas públicas.

BIBLIOGRAFÍA

ALBERT, Bruce; RAMOS, Alcida Rita. **Pacificando o branco : cosmologias do contato no Norte-Amazônico**. 1a. São Paulo: Editora UNESP : Imprensa Oficial SP : IRD, Institut de recherche pour le développement, 2002

ANTUNHA BARBOSA, Pablo; MURA, Fabio. Construindo e reconstruindo territórios guarani: dinâmica territorial na fronteira entre brasil e paraguai (sec. XIX-XX). **Journal de la Société des américanistes**, 97, n.2, p. 287-318, 2011.

CICCARONE, CELESTE. Drama e sensibilidade: migração, xamanismo e mulheres mbyá. **Revista de Índias**, v. LXIV, n. 230, p. 81-96, 2004

CLASTRES, Hélène. **Terra Sem Mal: o profetismo Tupi-Guarani**. São Paulo: Brasiliense, 1978.

DESCOLA, Philippe. **Más allá de naturaleza y cultura**. Amorrortu Editores: España SL, 2012

ESCOBAR, Ticio.. **La belleza de los otros : arte indígena del Paraguay**. Asunción: Centro de Documentación e Investigaciones de Arte Popular e Indígena del Centro de Artes Visuales : Museo del Barro : RP Ediciones, 1993.

GELL, Alfred.. **Arte y agencia: Una teoría antropológica**. Buenos Aires: Sb editorial, 2016.

LAGROU, Els.. **A fluidez da forma: arte, alteridade e agência em uma sociedade amazônica (Kaxinawa, Acre)**. PPGSA-UFRJ, 2007.

LAGROU, ELS; PIMENTEL, Lucia Gouvêa; QUINTAL, William Resende. **Arte indígena no brasil**. Rio de Janeiro: C/ ARTE, 2009

SILVA, Evaldo Mendes da. **Folhas ao vento: a micromobilidade de grupos Mbya e Nhandéva (Guarani) na Tríplice Fronteira**. Cascavel: Edunioeste, 2010.

MELIÀ, Bartolomeu.. A Terra Sem Mal dos Guarani. Economia e Profecia. **Revista de Antropologia**. n. 33, p.33-46, 1990

MONTERO, Paula.. **Deus na aldeia: missionários, índios e mediação cultural**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2006.

MONTOYA, Antonio Ruiz de. **Gramática y diccionarios (Arte, Vocabulario y Tesoro) de la lengua tupi ó guaraní**. Viena y Paris, S/E, 1640

MURA, Fabio. De sujeitos e objetos: um ensaio crítico de antropologia da técnica e da tecnologia. **Horizontes Antropológicos**, n. 36, p. 95-125, 2011

MURA, Fabio; ALMEIDA, Rubem Ferreira Thomas de. Historia y territorio entre los Guaraní de Mato Grosso do sul, Brasil. **Revista de Índias**, n.64, p.55-66, 2004.

PISSOLATO, Elizabeth. **A duração da pessoa: mobilidade, parentesco e xamanismo mbya (guarani)**. São Paulo: UNESP, 2007.

CHAMORRO, Graciela. Kurusu Ñe'ëngatu: palabras que la historia no podría olvidar. Asunción. **Centro de Estudios Antropológicos Biblioteca Paraguaya de Antropología**, 25, 1995

CHAMORRO, Graciela. La buena palabra experiencias y reflexiones religiosas de los grupos guaraníes. **Revista de Índias**. v. LXIV, n. 230, 2004.

POMPA, Cristina. **Religião como tradução : missionários, Tupi e Tapuia no Brasil colonial**. Ciências sociais. Bauru São Paulo, SP: EDUSC ; ANPOCS. 2003

SAITO, Akira.. Art and Christian Conversion in the Jesuit Missions on the Spanish South American Frontier. *Anthropological Studies of Christianity and Civilization Senri Ethnological Studies*, n.62, p.171-201, 2006.

SANTOS-GRANERO, Fernando.. **The Occult Life of Things: Native Amazonian Theories of Materiality and Personhood**. Arizona: University of Arizona Press, 2009.

SEVERI, Carlo. **El sendero y la voz : una antropología de la memoria**. 1o [sic]. Paradigma indicial. Serie arte, estética e imagen. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: SB, 2010.

VILAÇA, Aparecida; WRIGHT, Robin. **Native Christians: Modes and Effects of Christianity among Indigenous Peoples of the Americas**. Boston: Ashgate Publishing, 2013.

WILDE, Guillermo. **Religión y poder en las misiones de guaraníes**. Buenos Aires: Sb editorial, 2016.

WILDE, Guillermo. Invención, circulación y manipulación de clasificaciones en los orígenes de una antropología misionera. In: GIUDICELLI, C. ; ROSARIO: P. (coord.). **Luchas de clasificación. Las sociedades indígenas entre taxonomía, memoria y reapropiación**, Lima: Ediciones Instituto Francés de Estudios Andinos, 2018, p. 41-77.